



ARTIGOS ORIGINAIS

Relações de saber-poder em um curso de graduação em Medicina

Knowledge-power relation in an undergraduate course in medicine

Relaciones de saber-poder en un curso de grado de medicina

 Carlos Alberto Severo Garcia-Jr*

 Maria Eduarda Rodrigues Borges**

 Liana Cristina Dalla Vecchia Pereira***

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar os enunciados das relações de saber-poder entre docentes e discentes em um curso de medicina de uma universidade do sul do país. Trata-se de uma pesquisa qualitativa investigativa com base no referencial teórico-metodológico da análise arqueológica do discurso de Michel Foucault. A produção de dados ocorreu a partir de cinco entrevistas semiestruturadas com docentes e discentes de um curso de medicina e das Atas do Colegiado correspondentes aos anos de 2002 a 2013. A partir de discursos que evidenciam o controle do tempo, a hierarquia nas relações, a existência de regras e normas institucionais, a aplicação de provas e presença de méritos, observa-se métodos coercitivos de uma educação disciplinar. Apresenta-se uma ‘anatomia política’ de controle sustentada por dispositivos disciplinares que submetem os corpos a uma série de atividades pré-estabelecidas.

Palavras-chave: Educação Médica. Saber-Poder. Universidade. Análise Arqueológica do Discurso.

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the utterances of the knowledge-power relations between professors and students in a medical course at a university in the south of the country. It is a qualitative investigative research based on the theoretical-methodological framework of the archaeological analysis of discourse based on Michel Foucault. Data production took place from five semi-structured interviews with professors and students of a medical course and Collegiate Minutes corresponding to the years 2002 to 2013. From discourses that demonstrate the control of time, the hierarchy in relationships, the existence of rules and institutional norms, test application and the presence of merits, we observe coercive methods of disciplinary education. A ‘political anatomy’ of control is presented, supported by disciplinary devices that subject bodies to a series of pre-established activities.

*Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Araranguá, Brasil. E-mail: carlos.garcia.junior@ufsc.br.

** Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), Itajaí, Brasil. E-mail: eduarda_borges@hotmail.com.

*** Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brasil. Secretaria Municipal de Saúde (SMS) de Florianópolis, Florianópolis, Brasil. E-mail: lianadvp@gmail.com.

Keywords: Medical Education. Know-Power. University. Archaeological Analysis of Discourse.

RESUMEN

El objetivo del estudio es analizar los enunciados de las relaciones de saber-poder entre profesores y alumnos en un curso de medicina de una universidad del sur del país. Se trata de una investigación cualitativa basada en el marco teórico-metodológico del análisis arqueológico del discurso de Michel Foucault. La producción de datos se realizó a partir de cinco entrevistas semiestructuradas con profesores y estudiantes de un curso de medicina y de las Actas del órgano colegiado correspondientes a los años 2002 a 2013. A partir de discursos que muestran el control del tiempo, la jerarquía en las relaciones, la existencia de reglas y normas institucionales, la aplicación de exámenes y la presencia de méritos, se observa la existencia de métodos coercitivos de una educación disciplinaria. Se presenta una ‘anatomía política’ del control, sustentada en dispositivos disciplinarios que someten a los cuerpos a una serie de actividades preestablecidas.

Palabras clave: Educación Médica. Saber-Poder. Universidad. Análisis Arqueológico del Discurso.

INTRODUÇÃO

As relações entre discentes e docentes são vitais no processo formativo, pois constituem o arcabouço da vida acadêmica e se reproduzem ao longo da vida com efeitos decisivos no processo de ensino-aprendizagem (VEIGA, 2015). Ao considerar a universidade como espaço privilegiado na construção, transmissão e consolidação de saberes que engendram práticas sócio-histórico-culturais, este estudo possuiu como objetivo analisar os enunciados das relações de saber-poder entre docentes e discentes no curso de medicina de uma universidade do sul do país. O intuito é promover uma reflexão para a formação médica com perspectivas teórico-metodológicas inspiradas pelas contribuições de Michel Foucault.

Ao longo de toda a sua obra, Foucault investiga como nos tornamos sujeitos em cada tempo e contexto através de regimes de verdade que balizam os processos de subjetivação. Para Foucault, a verdade é produzida *pelo e no* discurso, visto como fator que produz efeitos de verdade permeados por relações de poder que atravessam todo e qualquer discurso (DREYFUS; RABINOW, 1995). Nesta imbricação se constitui a expressão que sintetiza em seus estudos: o poder-saber. Foucault postula a noção de poder como algo pulverizado no tecido social e nas produções discursivas, constituindo-se de modo relacional — relações de poder — que se exerce e produz efeitos, sendo necessário haver resistência e liberdade (FOUCAULT, 2017). O autor contribui significativamente ao postular a existência de relações entre a produção do regime da verdade, os discursos da ciência e as relações de poder, propondo três procedimentos distintos: a arqueologia, a genealogia e a ética (DREYFUS; RABINOW, 1995).

No que se refere às instituições de ensino, a partir do século XVII observa-se a presença de filas ordenadas com a colocação dos indivíduos por atividades e provas, além do esquadriçamento do tempo — semestre em semestre, ano em ano — em uma sequência sucessiva de assuntos ensinados por docentes. Os dispositivos de formação se engendram mediante uma hierarquização dos saberes, constituindo-se como máquinas de ensinar, hierarquizar, vigiar e recompensar (FOUCAULT, 2014). Nos espaços educacionais, as relações de poder adentram os corpos dos sujeitos, controlam posturas, horários, formas de aprendizagem, criam verdades e as validam como hábitos e regras necessárias à formação. O poder também se expressa nas relações de poder-saber por seu caráter positivo, no sentido produtivo que se apresenta em uma eficácia nos domínios disciplinares e rituais de verdade. A disciplina, neste caso, é um método de organização do espaço educacional por meio de técnicas de controle. Uma

educação disciplinar implica em uma coerção permanente sobre as atividades no espaço educacional que realiza um assujeitamento constante dos corpos e de suas forças, produzindo a relação de docilidade-utilidade (FOUCAULT, 2014).

Na obra *O Nascimento da Medicina Social*, Foucault (2017) situa as intervenções médicas ao longo da história, sob as quais a existência humana foi modificada com a sanitização das cidades e do controle sobre os corpos e condutas. Para o autor, a formação da medicina social estava atravessada pelo objeto da medicalização do Estado, das cidades e da força de trabalho. Outros processos de higienização das cidades abrangem tanto a medicalização do hospital, antes voltado à assistência aos pobres, que se transforma em uma instituição para tratar das enfermidades a partir do século XVIII, assim como a medicalização da família e da infância que se tornam foco de intervenção médica (FOUCAULT, 2017). A medicina assume um lugar cada vez mais importante ao se estender na maquinaria de poder por uma ascendência político-médica sobre uma população que se enquadra com uma série de prescrições que dizem respeito não somente à doença, mas às formas de existência e de comportamento. O campo médico adentra o espaço social, possibilitando o exercício biopolítico de uma medicalização sem fronteiras tomada como prática social que passa do Estado à população (ZORZANELLI; CRUZ, 2018).

Em uma revisão da literatura de estudos que analisaram as relações de saber-poder entre docentes e discentes nas universidades brasileiras a partir de 2000, encontramos uma pesquisa de caráter qualitativo no campo da licenciatura cujos resultados apontam críticas às interações distantes em sala de aula, aos raros espaços de diálogo e baixa expectativa de trocas, elementos que os estudantes pretendem não se espelhar quando se tornarem professoras (AZEVEDO, 2018). Na busca realizada nas bases de dados da *Scielo* e da *Pepsic* utilizando as palavras-chave *medicina*, *poder* e *universidade*, encontramos 27 e 4 artigos, respectivamente, porém com a leitura dos resumos identificamos que nenhum dos estudos se relaciona às relações de saber-poder entre discentes e docentes no curso de graduação em medicina. Esta lacuna justifica a importância da realização de estudos nesta área tendo em vista a relevância das práticas médicas nas sociedades. Os demais estudos contemplam as relações de poder nos serviços de saúde no campo da medicina e na relação desta com outros profissionais.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com base na Análise Arqueológica do Discurso, tendo por referencial teórico-metodológico as obras de Michel Foucault, em especial aquelas que abordam os domínios do ser-saber e do ser-poder (VEIGA-NETO, 2017). Para Foucault (2008), a arqueologia é entendida como procedimento que possibilita reconstruir os discursos e sua formação histórica em um determinado campo de saber que busca entender como se forma um discurso legitimado em determinado campo e período (FOUCAULT, 2008). Dentro da arqueologia, o discurso possui uma ordem/normatividade com inserção histórica ou social que ultrapassa as categorias linguísticas.

O curso de Medicina deste estudo foi implantado em 1999. Durante esse tempo, três matrizes curriculares foram constituídas, a fim adequação às Diretrizes Curriculares Nacionais, incorporando o objetivo de formar um médico com habilidades relacionadas à atenção, gestão e educação à saúde baseada nas necessidades da população e da instituição. A matriz

curricular é composta por 12 semestres letivos, divididos em sete semestres conhecidos como “básicos e pré-clínicos”, com atividades de integração ensino-serviço, e cinco semestres de “internato médico”, totalizando 7.410 horas/aula, em regime de tempo integral.

Neste estudo, a coleta de dados foi realizada entre fevereiro e abril de 2019, após obter a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade participante, Parecer nº 2.970.862. Foram realizadas cinco entrevistas semiestruturadas com três docentes e dois discentes do curso de medicina de uma universidade do sul do país e foram analisadas as Atas das reuniões do Colegiado desse mesmo curso, correspondentes aos anos de 2002 a 2013. O período referido contempla o início dos registros das atas do colegiado até o ano de ingresso da pesquisadora na instituição, evitando, assim, conflitos de interesse. A escolha dos entrevistados foi feita por conveniência, a partir de informantes-chave de discentes regularmente matriculados e docentes efetivos no curso. Das pessoas entrevistadas, duas eram mulheres e três homens. Todos os docentes participantes tinham título de especialista e mestrado e participavam de ligas acadêmicas. O material das entrevistas foi transcrito e anonimizado. Após o término da coleta de dados, o material foi selecionado por enunciados das relações entre docentes e discentes que apontavam para regularidades, conflitos e discrepâncias discursivas. Tratou-se de definir, a partir desse agrupamento, as regras em que os enunciados foram formados, determinando suas condições de existência e suas correlações com outros enunciados (FOUCAULT, 2008).

Com este percurso metodológico foi possível identificar as relações discursivas existentes nesse cenário e tecer um campo de emergência para os discursos que caracterizaram as relações de saber-poder entre docentes e discentes do curso de medicina de uma instituição do sul do país no intuito de promover uma reflexão sobre os enunciados.

Entende-se que todo grupo de práticas discursivas é produzido a partir de uma língua através de uma formulação individual ou coletiva. Conforme Castro (2016), o enunciado se articula com palavras, com uma frase, mas não provém delas, pois pode surgir também pela ausência delas, assim como duas expressões equivalentes pela razão lógica não são obrigatoriamente equivalentes pela percepção enunciativa. De acordo com Foucault (2008, p. 100), “Uma série de signos se tornará enunciado [...] se trata da relação do significante com o significado”. Por meio das condições de existência em suas singularidades, um enunciado é um domínio de análise descritivo, porém não é a análise lógica nem a gramatical, ela é correlata com a descrição das formações, as práticas discursivas (CASTRO, 2016). Nessa perspectiva, a Análise Arqueológica do Discurso situa as formações discursivas e as práticas não discursivas, elucidando as condições que possibilitaram a existência de enunciados que se correlacionam em suas singularidades e simultaneidades (FOUCAULT, 2008).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise das entrevistas emergiram enunciados que possibilitaram a formação discursiva de domínios referentes à relação entre docentes e discentes, ao ensino disciplinar, às práticas formativas, técnicas de assujeitamento e saber-poder na educação médica. Como ponto de partida, o relacionamento entre professores e alunos é situado como componente no espectro das vivências acadêmicas.

A forma como a gente aprende é o tipo de profissional que a gente vai ser. (Discente Clube da Luta)

Porque eu tenho a minha vivência, aquilo que experimentei [...] só que eu sou médico, então vou trazer para a sala de aula a minha vivência, o meu conhecimento médico. (Docente A Pele Que Habito)

Com base nos enunciados destacados, podemos observar que a relação entre professores e alunos, o modo de aprender e as vivências compartilhadas compõem a identidade do médico/futuro médico. Neste sentido, se o conhecimento adquirido na educação médica acontece por meio de um modelo de ensino executado pela figura de um docente, a maneira como esse profissional vivenciou a experiência como aluno, o relacionamento com os docentes, e o processo de ensino-aprendizagem de um saber médico contribuirão na maneira como irá se posicionar perante seus discentes, aproximando-se ou não da disposição ao diálogo, de uma verticalidade nas relações, da forma de ministrar suas aulas, do parecer de suas avaliações e no modo de desempenhar sua atuação médica.

Alguns professores nossos fazem uma troca muito legal. Outros [...] acabam contribuindo, obviamente, mas uma troca de cima para baixo. Não é horizontal o negócio. (Docente Casablanca)

Qual a metodologia que a gente mais vê no curso? Aula expositiva! Ela não é nem expositiva dialogada. Mas por quê? Porque a nossa formação foi assim. (Docente A Pele Que Habito)

Foram poucas vezes que eu vi realmente que o professor e turma entraram em uma sintonia [...] a maioria das vezes o professor entra, dá o conteúdo dele e sai da sala. (Discente Diários de Motocicleta)

Uma relação vertical no ensino se apresenta por uma configuração de passividade do aluno diante da autoridade do professor, em um processo de transmissão do saber como ato de reprodução de conteúdo. Nesta égide, o educador é aquele que conduz para uma retenção mecânica de assuntos, designando o aluno ao lugar de um mero receptor (PATTO, 1997), correndo o risco de os transformar em “vasilhas”, como recipientes a serem “preenchidos” pelo educador. Em uma relação horizontal, o professor não é apenas alguém que transfere quando assume uma posição menos dicotômica perante os alunos, se distanciando da ideia de que ele sabe e os discentes não.

Em uma sociedade disciplinar, os elementos são intercambiáveis, ou seja, cada qual ocupa um lugar, se define por isso e pelo espaço que os distancia. Os sujeitos estão dispostos em uma localização que os faz percorrer por uma rede de relações, regras e graus de complexidade (FOUCAULT, 2008). Por conta dos marcos históricos e práticas discursivas na própria consolidação da medicina, o docente, que já percorreu por uma trajetória similar em que foi assujeitado por um método, muitas vezes semelhante ao qual hoje atua como professor, para ocupar-se do exercício de um conhecimento, retorna, desta vez em uma outra posição, a qual lhe confere um poder — pelo próprio saber — perpetuando assim uma hierarquia do saber, em um “movimento perpétuo onde os indivíduos substituem uns aos outros, num espaço escondido por intervalos alinhados” (FOUCAULT, 2014, p. 144).

Como a gente tem uma relação vertical na faculdade, na maioria das vezes, eu acho que isso pode influenciar no comportamento vertical de um futuro médico. (Discente Diários de Motocicleta)

Acho que a questão do poder é: eu sei e você não. Eu sou professor e você aluno.
(Discente Clube da Luta)

O método de ensino mais prevalente nas entrevistas apresenta traços marcantes de um modelo de ensino disciplinar. Entende-se que a disciplina acarreta um registro contínuo do conhecimento, além de se constituir como uma técnica de organização dos espaços, de ordenamento dos indivíduos em uma arquitetura esquadrinhada e hierarquizada (FOUCAULT, 2017).

Na sociedade disciplinar, o poder é algo que se exerce, que se pratica e não há poder sem um saber. Poder e saber se imbricam, ou seja, não existe uma relação de poder sem correspondência em um campo de saber, assim como esse campo de saber simboliza e fundamenta novas relações de poder. Por consequência, toda prática de poder é, concomitantemente, um espaço de estruturação de saber, conforme postula Foucault (2017).

Acho que a universidade estabelece, te faz estabelecer uma relação de poder fodida!
Você é o poder! (Docente Casablanca)

Quanto mais tu sabes mais tu podes, esse é o geral. Quem sabe mais, pode mais, quem sabe menos obedece. (Docente A Pele Que Habito)

Tem muitos professores que eu sei que não posso questionar conduta, pois eles falam como assim você não sabe? Isso já era para você saber! (Discente Clube da Luta)

A análise dos enunciados evidencia as relações de poder-saber permeadas pela hierarquia de normas e regras atribuídas por uma série de provas, tarefas, controles, colocações de valores ou de méritos que visam moldar os corpos dos discentes para que assumam uma postura similar à de seus docentes — uma posição de poder como reflexo de um saber. Na análise das Atas do Colegiado, encontramos o relato da aplicação de uma prova teórica aos discentes do décimo primeiro período com o título de “Provão”, a qual tinha como objetivo medir a capacidade de competência do aluno próximo a se formar. Este aspecto foi experienciado como pressão sistemática junto aos demais processos avaliativos por parte das discentes, porém sem validação quando questionam o modelo ao corpo docente nas reuniões do colegiado.

[...] você tem essa rotina exaustiva, você é cobrado em ligas, centros acadêmicos, extensão [...] se você é um aluno ruim significa que você é um médico ruim e que você vai matar as pessoas, então é uma pressão muito intensa, sistematicamente aplicada por anos. (Discente Clube da Luta)

O acadêmico B fez comentários [...] não concordando com a não validação de partes corretas de uma pergunta. O professor R explicou que, do ponto de vista da formação médica e do Provão, não existe metade de acerto. (ATAS)

Conforme Foucault (2008), é preciso atentar sobre qual o *status* os sujeitos têm e porque, ou seja, qual lugar ocupam para que possam, por direito estatutário ou convencional, expressar um determinado discurso. Faz-se necessário discorrer, também, sobre quais espaços institucionais adquirem o seu discurso e onde o aplica. A função do Colegiado referido por essa pesquisa estende-se desde tomadas de decisões singulares do curso ao estabelecimento de

metas e estratégias referentes à realidade circundante. Atuam ativamente na administração acadêmica do curso, no planejamento e na avaliação do Projeto Pedagógico, zelando pelo cumprimento das regras estatutárias, além de avaliar e deliberar alterações curriculares. Os membros do Colegiado em questão são compostos por cinco docentes e dois discentes.

Difícilmente alguém que não está no Núcleo Docente Estruturante, que não está no Colegiado, que não está na comissão do internato participou mais ativamente da elaboração do projeto pedagógico. (Docente A Origem)

O colegiado propôs, ainda, que a coordenação chame reunião extraordinária do Colegiado para a liberação conjunta em situações de crise envolvendo o curso de medicina. (ATAS)

O fato de o Colegiado ser composto majoritariamente por docentes enuncia que as suas competências são exercidas predominantemente pela circunscrição em torno deles, isso quer dizer que o lugar de fala de onde provêm os discursos produzidos neste espaço carregam as práticas e a ética desses sujeitos. Neste sentido, caso as pessoas que compõem o colegiado se aproximem dos discursos da educação disciplinar, estes reverberam no método de ensino, preponderando um relacionamento vertical e hierárquico entre docentes e discentes.

A análise dos enunciados evidencia a existência de um “mérito estudantil” concedido à pessoa considerada o melhor aluno formando, que corresponde a aquele que responde a uma série de avaliações as quais levam em consideração um índice de aproveitamento de atividades curriculares. O desempenho do aluno é medido, então, por pontuação. Esse mérito é estabelecido por critérios de uma Instrução Normativa e fornecido pelos membros do Colegiado do Curso.

[...] após análise dos currículos e do índice de aproveitamento acadêmico, atendendo aos critérios da Instrução Normativa, o mérito estudantil foi atribuído ao acadêmico. (ATAS)

O bom aluno é aquele que [...] mais estuda, mais trabalha, que está sempre envolvido. Então eu acho que isso deixa a gente muito vulnerável. (Discente Clube da Luta)

A relação de poder-saber entre docentes e discentes é peça chave de uma maquinaria coercitiva, que objetiva a obediência e assujeitamento dos indivíduos, onde o “bom aluno” é aquele que cumpre com as obrigações estabelecidas pelo grupo que ocupa o *status* do poder, ou seja, pelos docentes que ditam o que é poder ser médico, o modo de agir compatível com o ser médico e tudo que é necessário fazer para ser médico. Foucault (2014, p. 145) afirma que uma técnica de poder é, ao mesmo tempo, um processo de saber: “Trata-se de organizar o múltiplo, de se obter um instrumento para percorrê-lo e dominá-lo; trata-se de impor uma ‘ordem’”.

A estratégia do poder disciplinar produz um saber (FOUCAULT, 2017). Engana-se pensar no poder como algo repressivo, negativo. O poder produz, pois aqueles que estabelecem a forma como os sujeitos — os discentes dessa pesquisa — devem se comportar e como devem desempenhar suas atividades são os mesmos que atuam, corrigem e transferem o que observam para pontos mais altos na hierarquia.

Há uma prática, institucionalizada e perpetuada por um discurso de ideal que cria cenários onde se avaliam aqueles que almejam, que buscam um saber médico, o qual deve ser obtido através de regras, feitos e verdades ordenadas por um grupo que ocupa uma posição de poder, que fornece o seu saber mediante uma postura hierárquica. Nesta quimera, os métodos são engendrados no sentido de fomentar “o controle minucioso das operações do corpo que asseguram a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (FOUCAULT, 2014, p. 21).

Existem as regras, a moral, existe como o curso é fundamentado e aquilo que a gente tem que seguir, provas, trabalhos, médias... (Discente Diários de Motocicleta)

Frágil é a palavra. Um curso integral que você estuda das 08 às 18 todos os dias, por seis anos, é muito cansativo. (Discente Clube da Luta)

No caso da educação médica, a sujeição ocorre por um viés produtivo, econômica e cientificamente, que utiliza das forças, das capacidades dos indivíduos, muitas vezes ao máximo, sobrecarregando aqueles que estão no processo de ensino por meio da aplicação de dispositivos que avaliam e medem a capacidade dos alunos (provas, trabalhos, afazeres curriculares e extracurriculares, carga horária) para obter o mérito da formação. Isso significa dizer que nesse sistema, o ‘bom médico’ é aquele que mais produz, mas na produção de algo pré-estabelecido, controlado e vigiado por uma sanção normalizadora legitimada por aqueles possuidores do saber médico: a figura do docente.

É meio passado para a gente que medicina é assim. Tem que ser nesses 6 anos. Eu já vi muita gente no limite, em um esgotamento absurdo. (Discente Diários de Motocicleta)

A cultura médica [...] cada um tem a sua área, cada um acredita que sabe ensinar aquela área, dentro daquele espaço de aula. (Docente A Origem)

As regras a serem cumpridas estão, nesse caso, para além de questões que definem o que é ou não permitido, aproximam-se mais de forças que permeiam as relações entre docentes e discentes, as quais ressoam como inerentes ao processo formativo. Em vigência de uma verdade aculturada em que se deve cumprir com demandas de exigências estabelecida conforme rege o docente, sendo ratificadas institucionalmente. Objetiva-se, por meio deste funcionamento, um domínio dos corpos com intuito de tornar maior o seu assujeitamento, mais efetivo no uso de suas potências para aquilo que é determinado, reduzindo, assim, sua capacidade de revolta, de resistência, no sentido do que Foucault (2017, p. 20) refere como “tornar os homens dóceis politicamente”.

Nesta pesquisa, encontramos enunciados que demonstram a coexistência de uma ‘contracorrente’, a qual resiste e intenciona movimentos em prol de mitigar as distâncias presentes no regime educacional disciplinar. Nota-se a emergência da vontade de ‘tornar as relações mais horizontais’, com viés em afigurar práticas institucionais que fogem ao modelo hegemônico.

O projeto pedagógico teria que ser mais participativo [...] a gente faz uma conversa, pede sugestão de um monte de gente, mas quem desenha no final são os professores. (Docente Casablanca)

Então isso que eu falei de a horizontalidade estar chegando, aquelas quanto mais verticais ainda forem, significa que menos próximas eles estão do plano pedagógico, por ele já contemplar essa ideia. (Docente A Pele Que Habito)

O projeto pedagógico em si deve ser um documento que é constantemente atualizado pela comunidade, professores, alunos..., mas isso não costuma ocorrer. (Docente A Origem)

Eu não saberia te responder agora o que é o projeto pedagógico. (Discente Clube da Luta)

Projeto Pedagógico? A matriz, é isso? (Discente Diários de Motocicleta)

Noutra ponta desse campo de intentos, encontramos enunciado o caráter eloquente das relações de poder-saber, pois para que um plano pedagógico que contemple práticas de ensino horizontais seja proposto e instituído, torna-se necessário que esse plano se constitua para além das instâncias de poder.

Os mecanismos de poder esmiúçam, decompõem e reorganizam os corpos para que esses possam operar conforme se deseja, em uma rapidez ou eficácia determinada através de uma maquinaria em que a disciplina atua, também, como um controle do tempo, pois a disciplina organiza uma economia positiva para extrair do tempo mais instantes disponíveis e forças úteis, considera Foucault (2014).

Acho que falta o respiro, aquele momento que você pode parar. Mas a gente não consegue, a gente sempre tem uma prova, a gente sempre tem um trabalho, a gente sempre tem algo para estudar. (Discente Diários de Motocicleta)

A gente é sobrecarregado, então o professor que vai dar uma folga para a gente, a gente vai agradecer a Deus. (Discente Clube da Luta)

O pessoal fugia da aula. Mas o que aconteceu nessa aula? A gente teve tempo para pensar, para conversar, para escutar os palpites de todos. (Docente Casablanca)

Conforme Foucault (2002), o poder disciplinar utiliza do tempo dos sujeitos como instrumento de produção, como técnica em que o controle se exerce. Apresenta-se, nesta pesquisa, uma 'anatomia política' a qual se encontra o controle do corpo por meio da sua subordinação a uma série de atividades definidas a serem desempenhadas em intervalos de tempo predefinidos. Para Castro (2016, p. 157), "o poder se articula diretamente sobre o tempo; realiza o controle dele e garante sua utilização".

Então qualquer situação do professor ele vai estar sobrecarregado das suas cargas horárias. E mesmo os alunos também, tem toda a carga horária do seu dia-dia, tem que ir para casa estudar, tem suas coisas da vida. Todo mundo vai ter tempo ocupado e o projeto pedagógico é uma coisa a mais a fazer. (Docente A Origem)

Na verdade, precisa ter mais discussão. Abrir mais a discussão. Por que que não abre? Porque é ditador, ridículo? Por falta de tempo! Você tem x dias para dar conta de um negócio, aí tu tens que dar conta, né? (Docente Casablanca)

Acho que todo mundo tem a consciência que poderia ser diferente, mas as pessoas não se envolvem justamente porque existe a carga de todo dia ali, as responsabilidades de todo dia. (Discente Diários de Motocicleta)

Seria então, no caso desta pesquisa, o uso do tempo um método eficaz de assujeitamento dos discentes — e docentes — a um poder-saber médico, o qual no mesmo instante que resulta, sustenta as relações verticais entre eles? O uso do tempo como dispositivo disciplinar funcionaria como um obstáculo ao diálogo e como causa de sua escassez?

O discurso sobre o controle do tempo como forma de opressão pode induzir a uma noção de dominação institucional sobre os corpos dos indivíduos. Se nas relações de forças se constituem o poder, nas relações de forma se constituem o saber (VEIGA-NETO, 2017), de tal modo, dentro de formações e práticas discursivas no ensino médico, a flutuação do tempo passa a ser controlada para a garantia regras de formação, ainda que isso imponha submeter os indivíduos a operações dentro de uma unidade disciplinar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo geral analisar os enunciados das relações de poder-saber entre docentes e discentes do curso de medicina de uma universidade do Sul do país. A partir dos discursos dos entrevistados e dos registros das Atas do Colegiado, encontrou-se regularidades enunciativas, nas quais emergiram práticas de ensino presentes no cenário em estudo. Semelhante ao estudo desenvolvido com docentes e discentes no âmbito da licenciatura (AZEVEDO, 2018), esta pesquisa denota críticas quanto ao pouco espaço para dialogar e a distância das relações devido às práticas hierárquicas, porém identificou-se a possibilidade de perpetuação deste modelo com alguns movimentos de resistência e questionamento em algumas brechas.

Por meio dos discursos dos discentes, podemos encontrar reflexos de uma educação disciplinar, em que o poder atua por sua faceta positiva no sentido de produzir sujeitos a partir do *modus operandi* de uma maquinaria de ensino em que opera uma hierarquia do saber. Nesta mesma esfera, evidencia-se por meio dos discursos docentes, os efeitos que o processo formativo exerce em suas práticas de professor, corroborando com a permanência e perpetuação de uma metodologia de ensino verticalizada, a qual sustenta seu caráter disciplinar.

Compreende-se que as relações de poder-saber entre docentes e discentes, nesta pesquisa, se definem como modos de atuação que exercem influência não imediatamente sobre aqueles sujeitos que se encontram em processo de ensino, mas sobre suas ações. O exercício do poder-saber ocorre por meio de instrumentos disciplinares de coerção que consistem em produzir condutas as quais se expressam pelos signos de postura, atividades, avaliação, mérito, regras, normas, arquitetura dos espaços e métodos de ensino, utilizados no controle dos corpos e na relação entre eles.

O estudo apresenta limitações, como a participação de apenas cinco interlocutores de uma universidade brasileira, porém contempla a análise de atas do colegiado por um período de onze anos (2002-2013). A análise deve ser situada, portanto, no tempo-espaço de sua produção. Ao considerar a importância das práticas médicas na produção da saúde, sendo estas permeadas pelos referenciais e relações de poder-saber experienciadas na graduação em medicina, e tendo em vista que este aspecto foi pouco estudado até o momento, recomenda-se

a realização de novos estudos com uma maior participação de docentes e discentes e inclusão de instituição de ensino das diferentes regiões brasileiras.

Referências

- AZEVEDO, R. L. **De quem é a universidade?** Um estudo sobre a relação de poder na interação aluno-professor. 2018. Dissertação (Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2018. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31981/1/2018_RayanneLinharesAzevedo.pdf. Acesso em: 1 dez. 2022.
- CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault:** Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica:** para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, M. **A Verdade e as formas jurídicas.** 3. ed. Rio de Janeiro: NAU, 2002.
- FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber.** 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- PATTO, M. H. S. **Introdução à psicologia escolar.** 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- VEIGA, M. V. **Elementos para a mudança curricular no curso de Medicina de uma Universidade no Sul do Brasil.** 2015. Dissertação (Mestrado em Saúde e Gestão do Trabalho) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2015. Disponível em: <http://siaibib01.univali.br/pdf/Mariana%20Vilela%20Veiga.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2022.
- VEIGA-NETO, A. **Foucault & educação.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- ZORZANELLI, R. T.; CRUZ, M. G. A. O conceito de medicalização em Michel Foucault na década de 1970. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 22, n. 66, p. 721-731, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icsse/a/nmQnN5Q5RpqPWrDj5vHjwCf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 dez. 2022.

Fonte de financiamento

Recursos próprios.

Contribuição dos autores

Carlos Alberto Severo Garcia-Jr — conceptualização, administração e supervisão do projeto, planejamento metodológico da investigação, análise dos dados, escrita e aprovação da versão final do manuscrito.

Maria Eduarda Rodrigues Borges — investigação, análise dos dados, escrita e aprovação da versão final do manuscrito.

Liana Cristina Dalla Vecchia Pereira — escrita e aprovação da versão final do manuscrito.

Recebido em: 24/10/2022

Aceito em: 01/12/2022